

TURISMO

No Senado, um passeio pela história da República

Ana Júlia Pinheiro
Da Equipe do Correio

Frustração no Senado. O *túnel do tempo* não conduz a outra dimensão. "Eu queria que o túnel levasse a gente para a Alemanha", queixou-se Eduardo de Souza Ferreira, 6 anos. "No túnel do filme, o homem vai para um monte de lugar." Que decepção! Apesar do nome, era só um corredor.

Na volta, o menino deu o troco. Não prestou a mínima atenção ao que dizia a guia dos turistas. Não ouviu, por exemplo, que *túnel do tempo* é o apelido do corredor que liga o prédio principal do Senado ao Anexo I.

NO ESPELHO

Eduardo passou em frente ao gabinete do presidente da Casa, José Sarney, sem sequer dar uma espiadinha. Preferiu se olhar nos pedaços de espelhos colados à parede.

Em cada parte espelhada, a mesma imagem de si: nariz pequeno esfregado no vidro, tênis branco, bermuda de algodão preta folgada e um pouco abaixo do joelho, camiseta branca. E sempre um rosto diferente de adulto aparecia ao lado do seu reflexo. Eram os 12 engenheiros e duas engenheiras da Caixa Econômica Federal que vieram conhecer o Senado, trazidos pela mesma curiosidade que levou o garoto brasileiro, sua mãe, Rosário, e a avó Anna (as duas, cariocas) ao passeio na manhã de sábado.

Três engenheiros se vestiam como Eduardo, de bermuda e tênis. Os outros vieram de calça jeans e camisas de mangas curtas, em malha ou algodão. Parecia a farda do Colégio Inei, a escola do menino.

VIAGEM DE NEGÓCIO

Os engenheiros vieram a Brasília para preparar juntos o manual de instalações elétricas da Caixa Econômica Federal (CEF). Chegaram no dia 4 e vão embora na quarta-feira. "Brasília estava precisando desse tipo de turismo. Tem em tudo quanto é país da Europa", comentou o engenheiro paulista, Mário Consolare.

No salão azul, plenário do Senado, os papéis se inverteram. Os engenheiros seriíssimos da CEF sentaram-se nos bancos da galeria como meninos de escola. Tiraram fotos no melhor estilo encerramento de ano letivo. Eduardo, a única criança do grupo, ficou todo compenetrado ouvindo a guia, Leila da Silva, relações públicas do Senado.

MENINO PRESIDENTE

"Quem é esse menino?", perguntou Eduardo, no salão nobre, na entrada do Senado. "Hermes da Fonseca, sobrinho do marechal Deodoro e futuro presidente", respondeu a guia. Hermes está no colo de alguém, ao lado do tio, na tela pintada pelo espanhol Gustavo Hastoy.

O quadro é enorme, 3,70 por 5,28 metros. Chama-se "Primeiro Congresso da República dos Estados Unidos do Brasil". É o que mais atrai os olhos no salão cheio de peças e de história. Coisas do tempo em que o Senado funcionava no Rio de Janeiro. Não faltam objetos pessoais de ex-senadores já falecidos.

Entre as lembranças dos senadores, está o monóculo e uma pasta velha de João Villas-Boas, senador pelo Mato Grosso, de 1935 a 1937 e de 1946 a 1963. Ele era filiado à UDN, partido extinto depois do movimento militar de 1964.

"Ontem escrito com agá?", espanta-se a engenheira Elenice Carraro ao ver entre as relíquias um bilhete de Juscelino Kubitschek para o senador Auro Andrade. Eduardo também não sabe o porquê do "h". As letras para ele são misteriosas. Está na alfabetização.

Depois, Elenice repara que a correspondência é de 1961, quando a reforma ortográfica ainda não havia dispensado o "h" de ontem. Foi escrita três anos antes de os militares derrubarem o presidente João Goulart.